



CCB

Orchestra Utopica
Big Band

com Mário Laginha
e Pedro Moreira

6 Fevereiro 2010 21h

Pequeno Auditório – Sala Eduardo Prado Coelho

ORCHESTRUTOPICA BIG BAND

Nas fronteiras entre o jazz e
a música contemporânea

ORCHESTRUTOPICA

maestro **PEDRO MOREIRA**

convidado especial **MÁRIO LAGINHA**

violino solo **XUAN DU**

PROGRAMA

DJANGO BATES

Django's Umpteenth Violin Concerto
Estreia em Portugal

SIMON BAINBRIDGE

For Miles
Estreia em Portugal

INTERVALO

MÁRIO LAGINHA

Histórias Muito Curtas
Estreia absoluta e encomenda da OU

M / 12 anos

BIG BAND?

Nas fronteiras entre a música contemporânea e o jazz, o concerto ORCHESTRUTOPICA BIG BAND continua a aprofundar o tema das *interacções* que conduz a programação da nossa temporada 2009-2010.

É uma primeira experiência de aproximação de duas linguagens musicais fortes e intensas, com pontos de contacto que importa revelar. Algumas experiências da música contemporânea e de vanguarda e do jazz contemporâneo (do *free jazz* e do jazz de vanguarda) aproximam-se nos gestos improvisados, na dissolução harmónica, na liberdade criativa. Em ambos os campos musicais, compositores, músicos e criadores têm procurado pontes, similitudes e interacções. Este concerto propõe-se interrogar precisamente essa possibilidade: confronto ou interpenetração?

O título deste concerto contém uma pequena provocação. É que, em rigor, não se trata de uma *big band*. A *big band* é uma formação específica do jazz – que não é sequer especialmente dominante. Ora, o conceito de “big band” não corresponde nem à formação que a OU apresenta hoje, nem o concerto apresenta repertório típico de uma *big band*.

O título, porém, procura marcar a ideia de que há interacções possíveis entre a música contemporânea e o jazz, sinalizando a disponibilidade da OU para assumir um gesto de aproximação.

A ideia choca puristas de ambos os lados. Quer aqueles que defendem que o jazz deve permanecer fiel às suas origens (e às suas formas e formatos originais), quer aqueles que defendem que a música contemporânea não deve sair das suas fronteiras nem fazer cedências a tipos de música “impuros”. De ambos os lados são respeitáveis os argumentos contra

a “contaminação”, e poderia dizer-se que esta é uma proposta “fracturante”, embora, como poderá ser ouvido, não seja ainda uma proposta totalmente radical. De facto, não só são inúmeros os compositores de música contemporânea que se interessam pelo jazz (e que, nalguns casos, inclusivamente foram ou são músicos de jazz), como também são muitas as experiências do *free jazz* e do jazz de vanguarda que geram proximidades inesperadas com o universo sonoro contemporâneo.

A música tem mudado constantemente, tem vindo a evoluir e a transformar-se praticamente desde que a primeira nota foi tocada – não o primeiro som, mas a primeira nota com sentido musical. Transformou-se numa segunda linguagem e ganhou uma função e um papel social, cultural e até político. Acentuar diferenças, romper fronteiras, são o constante de uma rebelião que põe em causa a tradição e desafia as tendências que se estabelecem e em cada momento passam a dominar. Também aqui esta mesma questão se coloca: há na música contemporânea uma tendência que se aproxima do jazz, que se deixa contaminar sem restrições e que se rebela contra o domínio da intolerância.

LIBERDADE?

As aproximações são recíprocas e movidas por diferentes razões.

Do lado da música contemporânea erudita os argumentos são muitos (especialmente os *contra*). Na verdade, pelo menos desde que TW Adorno, nos anos quarenta, colou o jazz à cultura popular (à baixa cultura), parece que se encontrou um fundamento – paradoxalmente elitista – para justificar as fronteiras e o enclausuramento dos géneros. O carácter rítmico e até dançante do jazz desses anos, o seu traço popular acentuado

pela indústria musical (em especial nos EUA, diferentemente da Europa em que o jazz surge com um carácter distintivo e inicialmente restrito), a improvisação sobre cadências tendencialmente repetitivas, a pulsação regular e até a sua expressividade demasiado corporal, são algumas das críticas.

Mais tarde, não sem alguma surpresa, constatou-se um inesperado paralelismo nos gestos e nos fundamentos: onde a vanguarda musical europeia destruiu métrica, pulsação, harmonia, repetição, o *free jazz* fazia afinal o mesmo – seguindo outros processos e poéticas.

Do lado do jazz a aproximação começa verdadeiramente com o *modalismo* que se desenvolveu a partir dos anos cinquenta e que toma os modos como base da estrutura e da improvisação. Se antes o objectivo do solista era tocar um solo que correspondesse a uma determinada progressão de acordes, no *jazz modal* o solista deveria agora criar uma melodia utilizando apenas um ou um reduzido número de modos. Um dos melhores exemplos é o disco de Miles Davis *Kind of Blue* (mas também John Coltrane e Herbie Hancock, entre outros).

O *free jazz* (e o jazz de vanguarda) trouxeram para o espaço aberto a tonalidade livre em que a pulsação, a métrica e a simetria desaparecem, abrindo-se à influência de um largo espectro de tipos de música de muitas partes do mundo (África, Índia, países árabes) numa fusão que resulta num intenso e quase religioso e extático estilo e forma de tocar. Apesar de ter a sua base no *be-bop*, o *free jazz* dá aos músicos uma maior latitude para a interpretação e a improvisação. A perda da harmonia e do tempo marcado foram reprovados desde o início do seu desenvolvimento (pelos puristas do jazz). Alguns dos nomes

mais importantes do *free* e do jazz de vanguarda são Ornette Coleman, Charles Mingus (embora a sua música cubra uma grande variedade de estilos) e Cecil Taylor; nos anos sessenta Coltrane (*A love supreme*), Archie Shepp, Sun Ra, Albert Ayler, Pharoah Sanders, e muitos outros. O *free jazz* rapidamente encontrou interesse no público europeu, em parte também porque músicos como Albert Ayler, Cecil Taylor, Steve Lacy e Eric Dolphy viveram largos períodos na Europa. O estilo do jazz europeu revelou-se diferente do original americano – frequentemente incorporando elementos do *free jazz*, mas também de outros géneros musicais e, nomeadamente, da tradição musical clássica.

SEM FRONTEIRAS?

Hoje, uma outra geração de compositores põe de lado a intolerância e o dogmatismo. Para estes compositores é natural a inexistência de fronteiras entre géneros e também não se integram acriticamente nos modelos que se instituíram nem sequer nas práticas vanguardistas que se aprisionaram nas telas da institucionalização. Embora mantenham a mesma inquietação histórica, dirigem com menos intensidade (e por razões diferentes) a sua crítica ao sistema da música. Nalguns casos a sua música recupera e reintroduz (provocatoriamente?) aspectos banidos no passado (a pulsação, a métrica, a harmonia, a melodia) e alguns *clichés* do jazz (o *swing*, o *walking bass*, etc.) num duplo jogo de citação e integração.

Para além da evocação de Miles Davis por Simon Bainbridge e da música enérgica de Django Bates, um dos pontos altos deste concerto é a estreia mundial de uma nova obra encomendada pela OU a Mário Laginha, que se apresentará também ao piano.

DJANGO BATES

Django's Umpteenth Violin Concerto

DJANGO BATES



© NICK WHITE

Compositor nascido em 1960, Django Bates é um compositor autodidacta, que atribui a multiplicidade de influências presente no seu trabalho à música que ouvia na infância: o seu pai colecionava música tradicional romena e africana e jazz. Foi fundador de Loose Tubes e uma das figuras mais influentes no renascimento do jazz nos anos oitenta. Recebeu encomendas de grupos como a Dutch Metropole Orchestra, o Quarteto Brodsky, Joanna MacGregor, Absolute Ensemble, Britten Sinfonia e a Filarmónica de Duisburg. Sendo um músico de renome internacional, tem aparecido ao lado de Michael Brecker, Bill Bruford, Dudu Pukwana, Wynton Marsalis e Ronnie Scott. Em 1997 recebeu o Prémio Danish Jazzpar, equiparado ao Nobel na área do jazz.

Foi o primeiro director artístico do festival de música contemporânea Fuse Leeds04 – uma bienal que procura celebrar a riqueza e diversidade vibrantes da música actual –, para o qual encomendou uma obra para duas Ondas Martenot e a Sinfonietta de Londres a Jonny Greenwood, membro do Radiohead. No sexagésimo aniversário do saxofonista Evan Parker, Django encomendou a sessenta compositores uma obra em que cada um deveria escrever um compasso, que ele juntou na obra *Premature Celebration*, estreada pela Sinfonietta de Londres com Evan Parker e Paul Lytton. Compôs o *Django's Umpteenth Violin Concerto* para Ernst Kovacic. Em Julho de 2005, Django Bates foi nomeado professor no Rhythmic Music Conservatory de Copenhaga, onde criou a StoRMChaser, descrita pelo *The Times* como “uma das melhores orquestras de jazz europeias”. Os ensaios semanais da StoRMChaser são também uma fonte de material para a composição pessoal de Django, cujo trabalho foi gravado no álbum *Spring is Here (Shall We Dance?)* LM003 de 2008. A StoRMChaser já se apresentou em diversos festivais de jazz europeus e numa digressão pelo Reino Unido. Django Bates foi recentemente convidado pela Royal Shakespeare Company para escrever a música para a peça *Júlio César*, com encenação de Lucy Bailey. Recebeu ainda uma encomenda da HR Rundfunk Bigband para três novas obras, *Loose Tubes*, *Midnight Roundabout* e *Gaza*, estreadas em 2009 no Festival de Música Contemporânea Llangbiennale. O novo álbum *Belovèd Bird* deverá sair em Março de 2010. Para mais informação: www.djangobates.co.uk

DJANGO'S UMPTEENTH VIOLIN CONCERTO

(2004) 21'

O primeiro concerto orquestral que vi foi o *Concerto para violino em Mi m* de Mendelssohn, tocado por uma orquestra amadora de Bromley com um violinista muito pretencioso. Num momento de especial enlevo partiu uma corda, arrancou o violino das mãos do concertino e tocou três compassos antes de o devolver com repugnância. Fez sinal à orquestra para parar e sentou-se a substituir a corda. Tendo-a afinado demasiado alto, teve que tocar com as posições de mão ajustadas até esta assentar: impressionante! Portanto, o violino foi sempre um instrumento dramático para mim.

A primeira vez que ouvi Ernst Kovacic ao vivo foi através da parede de um hotel austríaco. Ele estava a estudar uma peça intensamente microtonal no quarto ao lado e eu fiquei imediatamente fascinado. A peça que tinha escrito para Ernst e James Crabb foi tocada no dia seguinte, a 11 de Setembro de 2001, o dia em que as Torres Gémeas foram destruídas por aviões desviados: tempos estranhos.

Cresci a ouvir música cigana do leste da Europa, em que o violino tem um enorme destaque, e perdi muitos anos a tentar aprender violino com diversos carrascos. “Porque não desistes?”, perguntavam-me. Não sabia responder-lhes. Mas agora sei por que persisti; precisava de perceber o violino para poder escrever para ele.

Porque chamei a esta peça *Django's Umpteenth Violin Concerto*?

Umpteen é uma palavra arcaica que designa um grande número indefinido. Há tantos concertos para violino no mundo (que são muitas vezes designados pelo número em vez de um nome), que o meu será talvez o *umpteenth (infinitésimo)*. Este título parece anular-me de certa forma... mas *Umpteen* pode ser um número para além da infinitude, o título pode portanto dar a entender que a minha peça celebra a infinita variedade da vida!

O nome é também uma piada para rádios como a Classic FM que tocam ininterruptamente os Concertos para violino de Mendelssohn e Bruch intercalados com anúncios de carros. Pediram-me há um ano para descrever esta peça, antes de estar escrita. Eu respondi: “Não sei sobre o que será esta obra (podemos estar mergulhados na paz mundial quando começar a compô-la), mas será certamente uma celebração do violino e do drama que o rodeia.” A paz mundial esquiva-se-nos, mas pela *infinitésima* vez teremos uma nova peça que celebra o violino.”

DJANGO BATES

31 JANEIRO 2004

© TRADUÇÃO: ORCHESTRUTOPICA, 2010

SIMON BAINBRIDGE

For Miles



© ANDREW PALMER

SIMON BAINBRIDGE

Nasceu em Londres em 1952. Estudou Composição com John Lambert no Royal College of Music e com Gunther Schuller em Tanglewood.

O sucesso da sua obra *Spirogyra* em 1971, no Festival de Aldeburgh, deu origem a uma encomenda de um quarteto de cordas, que por sua vez chamou a atenção do violonista Walter Trampler, que encomendou o *Concerto para viola* em 1978. Seguiram-se uma série de obras de grande escala durante os anos oitenta e noventa, incluindo a *Fantasia para Dupla Orquestra* (1983), o *Concerto Duplo* (1990), a *Toccata para Orquestra* (1992), o concerto para trompa *Landscape and Memory* (1995) e as *Três Peças para Orquestra* (1998). Em 1997, Bainbridge recebeu o Prémio Grawemeyer para *Ad Ora Incerta* (1993), um ciclo de canções orquestrais para *mezzo-soprano* e fagote, sobre poemas de Primo Levi. O compositor voltou ao trabalho do mesmo escritor em 1996, com *Four Primo Levi Settings*, composta para o Nash Ensemble. Ambos os trabalhos foram gravados pela NMC Records.

Chant é uma reescrita de obras de Hildegard von Bingen para 12 vozes amplificadas e orquestra, e foi estreada em York Minster pelos BBC Singers e a Orquestra Filarmónica da BBC, em 1999. A Orquestra Sinfónica da BBC, pelo seu septuagésimo aniversário no ano 2000, encomendou *Scherzi* a Bainbridge.

A obra foi tocada em 2005 no encerramento dos BBC Proms e pela Orquestra Sinfónica de Toronto em 2007. *Violas* (2002), para fagote solo e doze cordas, foi encomendada pela Radio France para Pascal Gallois, que a tocou em França e no Reino Unido.

Orpheus é uma curta canção sobre poesia de W. H. Auden estreada no Festival de Aldeburgh em 2006. Em Fevereiro de 2007 a Orquestra Sinfónica da BBC, dirigida por David Robertson, estreou *Diptych*, uma obra com trinta minutos que o *Independent* descreveu como “uma música que fascina pelas suas cores que calmamente vão mudando e por uma contenção quase heróica”. Bainbridge acabou em 2007 a obra *Music Space Reflection* para 28 instrumentistas, inspirada e destinada a edifícios do arquitecto Daniel Libeskind. Após a estreia no Museu da Guerra em Manchester, a obra foi tocada em Copenhaga, Londres e Toronto. Obras recentes incluem um trio com piano para o Gramercy Trio, dois trios para o trigésimo aniversário do Endymion Ensemble e *Tenebrae*, sobre poesia de Paul Celan, estreada pelo Hilliard Ensemble e o Quarteto Arditti em Londres em Novembro de 2009.

FOR MILES (1994) 11'

“O meu primeiro encontro com Miles Davis foi através da escuta do seu maravilhoso e inovador álbum *Porgy and Bess*, gravado com Gil Evans em 1958. A sua forma de tocar tinha para mim um lirismo, uma musicalidade e uma sensibilidade únicos, a um nível alcançado por poucos instrumentistas. Esta peça é o meu tributo a este grande músico.”

SIMON BAINBRIDGE

1994

© TRADUÇÃO: ORCHESTRUTOPICA, 2010

MÁRIO LAGINHA

Histórias muito curtas

MÁRIO LAGINHA



Nasceu em 1960. A sua “casa” é o jazz, mas recusa encerrar-se lá dentro. Na sua música podemos encontrar um pouco de quase tudo, porque não fecha as portas a quase nada. Mário Laginha procura em vários lugares o material para construir o seu próprio universo musical. Muito mais do que misturas, há assimilação. O que se pode ouvir, no final, é... música.

A sua carreira tem sido construída ao lado de outros músicos, de uma forma constante e intensa. E com raras exceções: o primeiro disco a solo, *Canções e Fugas*, foi editado em 2006. Mário Laginha usou com virtuosismo e rigor a técnica clássica para compor seis fugas, cada uma antecedida por uma canção na mesma tonalidade, seguindo o esquema dos prelúdios e fugas de Bach. Não há revivalismos: as suas composições têm uma sonoridade contemporânea, muito inspirada, apesar de notoriamente complexa.

Para Mário Laginha, fazer música é sobretudo um acto de partilha. E tem-no feito com personalidades musicais fortes. O duo privilegiado com a cantora Maria João resulta num dos casos mais consistentes e originais da actual música portuguesa. Mais uma vez, o jazz funciona aqui como uma rede, mas sem amarras: há ecos africanos, brasileiros, indianos, da música tradicional portuguesa, *pop*, *rock*, clássico... Mas a sua música não é uma síntese de influências. Estas funcionam apenas como ferramentas para compor e interpretar, revelando-se num estilo muito próprio. A parceria de Mário Laginha e Maria João resultou numa dezena de discos e na participação em alguns dos mais importantes festivais de jazz do mundo: Festival de Jazz de Montreux, Festival do Mar do Norte, Festival de Jazz de San Sebastian, Festival de Jazz de Montreal...

Com Bernardo Sasseti é partilhado o mesmo instrumento: uma formação pouco frequente na área do jazz, que ganha com o facto de ambos construírem um universo único à volta das suas próprias composições. Com muito em comum e também com acentuadas diferenças, conseguem um equilíbrio invulgar. Juntaram-se pela primeira vez em 1998 e gravaram desde então dois álbuns.

Pedro Burmester (com quem também tem um disco gravado) tem sido a sua principal ponte com a música clássica desde finais dos anos oitenta. Laginha levou a sua bagagem musical para um repertório do século XX, oferecendo-lhe um forte sentido rítmico. Sem improvisações, porque também sabe ser fiel à partitura.

Criou o Trio de Mário Laginha com o contrabaixista Bernardo Moreira e o baterista Alexandre Frazão. Esta é talvez a formação que mais próxima está do jazz, ainda que não com um estilo convencional, de onde resultou muito recentemente um disco gravado em estúdio, *Espaço*, que faz a ponte entre conceitos e ambientes de duas disciplinas nobres: a música e a arquitectura. A sua carreira leva mais de 20 anos: foi um dos fundadores, em 1984, do Sexteto de Jazz de Lisboa e criou o Decateto de Mário Laginha (1987). A sua personalidade musical era já muito evidente no disco *Hoje* (1994) – o primeiro que assinou com o seu nome. Uma sólida formação clássica – fez o Curso Superior de Piano do Conservatório Nacional – deu-lhe ferramentas para evoluir como intérprete e compositor, desenvolvendo uma identidade própria. É isso que lhe tem permitido escrever para formações tão diversas como as Big Bands da Rádio de Hamburgo e de Frankfurt, a Orquestra Metropolitana de Lisboa, a Orquestra Filarmónica de Hanôver, o Remix Ensemble, o Drumming Grupo de Percussão e a Orquestra Nacional do Porto. Compõe também para cinema e teatro. Com uma grande criatividade, enorme solidez rítmica e uma imensa riqueza harmónica e melódica, Mário Laginha tem estado ao lado, no palco ou em estúdio, de músicos excepcionais, como Wolfgang Muthspiel, Trilok Gurtu, Gilberto Gil, Lenine, Armando Marçal, Ralph Towner, Manu Katché, Dino Saluzzi, Kai Eckhardt, Julian Argüelles, Steve Argüelles, Howard Johnson, Django Bates, entre outros.

HISTÓRIAS MUITO CURTAS

(2009) 25'

“Quando comecei a trabalhar nesta música tinha acabado de escrever um concerto para piano e orquestra. Deve ter sido essa a razão para me ter apetecido escrever uma série de muito pequenos andamentos – ao ponto de não fazer sentido dar-lhes esse nome. Cada ideia é apresentada de um modo cru e quase sem – ou mesmo sem – desenvolvimento temático. Uma série de fábulas, que têm, na minha cabeça, animais como protagonistas. Hienas, panteras, tartarugas, cobras, formigas, tenho até uma homenagem sentida a um carapau. Parti para o projecto com o objectivo de fazer à volta de sete minutos de música. Fiz vinte e cinco. É mais um belíssimo exemplo da falibilidade humana. Em minha defesa tenho a dizer que algumas das fábulas não se deixaram aprisionar ao conceito – danadas – e acabaram por chegar a dimensões perigosamente normais. À parte estas revelações altamente perturbadoras, pouco mais tenho a acrescentar. O dó ainda é um dó e o lá, lá está, ainda é um lá. Introduzi partes de improvisado um pouco por todo o lado – os instrumentistas de corda que o digam, quando tiverem os dedos em ferida depois de tanto *pizzicato* – e dei rédea solta a uma bicharada sem fim. Deve ser de viver no campo.”

MÁRIO LAGINHA
© MÁRIO LAGINHA, JANEIRO 2010

XUAN DU

Nascido numa família de músicos em 1976, na China, iniciou os estudos de violino em 1987 e 18 meses depois dava o seu primeiro recital público na qualidade de vencedor do Concurso para Jovens Intérpretes de Violino. Seis anos depois foi finalista da 5.ª edição do Concurso para Jovens Intérpretes de Violino de Xangai. Estudou essencialmente no Instituto de Artes de Nan-Jing e no Conservatório Central de Música de Pequim. Em 1999 foi convidado pelo Prof. Yfrah Neaman a prosseguir estudos em Londres. Frequentou *master-classes* e teve a oportunidade de estudar com Tibor Varga, Zahkar Bron, Gerald Poulet, Sergey Krachenko, entre outros. Na sequência das aulas que frequentou foi convidado a actuar como solista em festivais na Alemanha, França, Países Baixos e Inglaterra. Em 1998 foi convidado, com o seu quarteto de cordas, pela Fundação Oriente, a vir para Portugal. Em 1999 assumiu o cargo de concertino assistente da Orquestra Metropolitana de Lisboa e começou a leccionar na Academia Nacional Superior de Orquestra. Entre 1999 e 2005 foi um dos elementos do Moscow Piano Quartet, ao mesmo tempo que colaborava na orquestra e com o seu quarteto. Foi finalista do Concurso Internacional para Violino George Enescu de Bucareste.

A partir de 2001 começou a explorar diferentes estilos de música integrando, como violino principal, dois agrupamentos de música contemporânea, nomeadamente o Remix Ensemble e a OrchestrUtopica.

Em Julho de 2006 tomou o cargo de concertino da Orquestra Sinfónica Portuguesa. Iniciou também uma colaboração regular com orquestras europeias quer como concertino, quer como solista.

Em 2008 foi concertino convidado da Orquestra Sinfónica Real de Sevilha. Em 2009 iniciou uma colaboração como concertino convidado da Orquestra Filarmónica de Tampere e já em 2010 ganhou o concurso para concertino da Orquestra Filarmónica da BBC.



PEDRO MOREIRA

É uma das principais referências do jazz português, com uma actividade muito intensa como saxofonista, compositor, maestro, arranjador e docente. Além de liderar o seu próprio grupo, colabora com várias outras formações, compõe numa variedade de estilos, incluindo jazz, *big band*, música de câmara e orquestra. Faz igualmente direcção de orquestra em vários contextos, nas áreas de jazz e música erudita.

Tem um Bachelor of Fine Arts, Jazz and Contemporary Music pela New School University e um Master of Music em composição pelo Mannes College of Music, ambos em Nova Iorque, além do curso de Formação Musical do Conservatório Nacional de Lisboa. Estudou ainda em diversos seminários com os saxofonistas Dave Liebman, Paul Jeffrey, Bill Pierce. Recebeu o Prémio Down Beat Music Student Award, "Best Jazz Group" e "Outstanding Performance".

Com o seu grupo conta desde 1985 com inúmeras actuações em autarquias, centros culturais e na generalidade dos festivais de jazz nacionais, no continente, Açores e Madeira. No estrangeiro actuou em países como França, Grécia, EUA, Espanha, Costa de Marfim, Angola, Moçambique, África do Sul, Israel, Alemanha. Actuou com Benny Golson, Eddie Henderson, Freddie Hubbard, Dave Liebman, Joe Chambers em diversos contextos. Participa igualmente nos grupos de Nelson Cascais, Bruno Santos, Bernardo Moreira, André Fernandes, 7teto do Hot Clube, e muitos outros.

É director musical da Big Band do Hot Clube de Portugal desde 1991. Como maestro trabalhou ainda com a Orquestra Metropolitana de Lisboa, Orquestra Sinfónica Portuguesa, Big Band Nacional da Juventude, Ensemble Moderno do Conservatório Nacional, Orquestra Angra Jazz. Foi o maestro e compositor convidado da European Youth Jazz Orchestra em 2004, numa digressão pela Europa e Brasil. Foi assistente musical do maestro Robert Sadin em Nova Iorque.

Como compositor tem peças executadas pela OrchestrUtopica, Grupo de Música Contemporânea de Lisboa, Orquestra de Jazz de Matosinhos, Apollo Saxophone Quartet, Orquestra Sinfónica Portuguesa, Drumming, além das peças compostas para o seu grupo, assim como para a Big Band do Hot Clube.

Compôs ainda música para as peças de teatro *Quando o Inverno Chegar* de José Luís Peixoto (encenação de Marco Martins, Teatro São Luiz), *De Homem para Homem* de Manfred Karge (encenação de Carlos Aladro, Teatro da Cornucópia), e *Mega Tarts*, espectáculo original de teatro musical, homenagem a Constança Capdeville, Teatro São Luiz.

Foi director pedagógico da Escola de Jazz do Hot Clube e docente do Conservatório Nacional de Lisboa, Instituto Piaget e Curso de Jazz do Conservatório da Madeira. Actualmente é o responsável pela variante de jazz da Escola Superior de Música de Lisboa. Realizou inúmeras conferências e seminários pelo país, incluindo Fundação Calouste Gulbenkian e Universidade Lusíada.

Como arranjador e assistente musical colaborou com Robert Sadin em projectos de Herbie Hancock e Wayne Shorter. Noutras áreas musicais tem colaborado com músicos como Camané, Xutos e Pontapés, Rodrigo Leão, Pedro Abrunhosa, Carlos do Carmo.

É director artístico do Festival de Jazz da Alta Estremadura.



ORCHESTRUTOPICA



A OrchestrUtopica (OU) é um agrupamento de câmara dedicado à promoção da nova música, concebido como um *instrumento* para compositores. Fundada em 2001 – pelos compositores Carlos Caires, José Júlio Lopes, Luís Tinoco e António Pinho Vargas e o maestro Cesário Costa – foi saudada com grande entusiasmo pelo público, pela crítica e pela comunidade musical. Ao fim de oito anos já realizou mais de oitenta concertos em Portugal e no estrangeiro. Mais do que um grupo dedicado à nova música, de espírito independente de qualquer academismo, a OU apresenta-se como um espaço de diálogo e troca de experiências radicalmente diferente da atitude tradicional. Sempre que possível os compositores representados nos programas da OU são chamadas a participar em fóruns abertos de discussão com músicos, artistas e público. A OU acredita firmemente na diversidade estética como a mais saudável postura; a sua filosofia de programação não reconhece fronteiras entre campos musicais e entre disciplinas artísticas; a sua vitalidade depende de uma visão aberta e abrangente no que respeita à criação musical e artística contemporâneas.

Nos concertos que já realizou a OU apresentou inúmeras obras encomendadas a compositores portugueses em estreia absoluta e primeiras audições em Portugal de compositores estrangeiros, tendo podido contar até agora com a colaboração de maestros e solistas de renome internacional, como os maestros Yu Feng, David Allen Miller, Odaline de la Martinez, Tapio Tuomela, Fabián Panisello, Olivier Cuendet, René Bosc ou Joan Cerveró, as sopranos Nicole Tibbels, Yeree Suh e Monique Krüs, e o violinista sueco Fredrik Burstedt, entre outros. A formação da OU apresenta alguns dos melhores músicos portugueses e estrangeiros residentes em Portugal, membros das principais orquestras e agrupamentos do país. É graças aos músicos que colaboram com a OU que as suas apresentações em concerto e o seu projecto têm merecido as melhores referências.

A ORCHESTRUTOPICA beneficia de um subsídio plurianual do Ministério da Cultura/DGArtes (2003, 2004; 2005-2008; 2009-2012) e, desde a temporada de 2006-2007, é "orquestra em residência no CCB".

INTÉRPRETES

Katharine Rawdon flauta e *piccolo*
Luís Marques oboé
Bruno Graça clarinete
Luís Gomes clarinete e clarinete baixo
Carolino Carreira fagote e contrafagote
Rita Nunes saxofone alto
Paulo Guerreiro trompa
Sérgio Pacheco trompete
Hugo Assunção trombone
Alexandre Vilela trombone baixo
João Duarte percussão
Alexandre Frazão bateria
Nicholas McNair piano
Ana Isabel Dias harpa
Vítor Vieira violino I
Juan Carlos Maggiorani violino II
Ceciliu Isfan viola
Jed Barahal violoncelo
José Fidalgo contrabaixo
Xuan Du violino solo
Mário Laginha piano solo
Pedro Moreira direcção

CCB

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

ANTÓNIO MEGA FERREIRA (PRESIDENTE) \ **ANA ISABEL TRIGO MORAIS** (VOGAL) \ **MARGARIDA VEIGA** (VOGAL) \ **GABRIELA CERQUEIRA** ACESSORA PARA A PROGRAMAÇÃO

CENTRO DE ESPECTÁCULOS

DIRECÇÃO DO CENTRO DE ESPECTÁCULOS **MIGUEL LEAL COELHO** | ADJUNTA PARA A PROGRAMAÇÃO **LUÍSA TAVEIRA** | ADJUNTA PARA O PLANEAMENTO **CLÁUDIA BELCHIOR** | ASSESSORES PARA PROGRAMAÇÃO MUSICAL **JOÃO GODINHO** \ **FRANCISCO SASSETTI** | SECRETARIADO DE DIRECÇÃO **LUÍSA INÊS** | DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO **CARLA RUIZ** | PRODUÇÃO **INÊS CORREIA** \ **PATRÍCIA SILVA** \ **HUGO CORTEZ** \ **INÊS LOPES** \ **VERA ROSA** \ **JOÃO MIGUEL MARTINS** | ASSISTENTE DE PRODUÇÃO **RITA BAGORRO** | DIRECTOR DE CENA COORDENADOR **JONAS OMBERG** | DIRECTORES DE CENA **PEDRO RODRIGUES** \ **PATRÍCIA COSTA** \ **PAULA FONSECA** \ **JOSÉ VALÉRIO** | ESTAGIÁRIA **FRANCISCA RODRIGUES** | SECRETARIADO DE DIRECÇÃO DE CENA **YOLANDA SEARA** | DIRECTOR TÉCNICO **PAULO GRAÇA** | CHEFE TÉCNICO DE PALCO **RUI MARCELINO** | SECRETARIADO DE DIRECÇÃO TÉCNICA **SOFIA MATOS** | TÉCNICO PRINCIPAL **PEDRO CAMPOS** \ **LUÍS SANTOS** \ **RAUL SEGURO** | TÉCNICO EXECUTIVO **ARTUR BRANDÃO** \ **F. CÂNDIDO SANTOS** \ **VÍTOR PINTO** \ **CÉSAR NUNES** \ **JOSÉ CARLOS ALVES** \ **HUGO CAMPOS** \ **MÁRIO SILVA** \ **RICARDO MELO** \ **RUI CROCA** | CHEFE TÉCNICO DE AUDIOVISUAIS **NUNO GRÁCIO** | TÉCNICO DE AUDIOVISUAIS **RUI LEITÃO** \ **EDUARDO NASCIMENTO** \ **LUÍS GARCIA SANTOS** \ **NUNO BIZARRO** \ **PAULO CACHEIRO** \ **NUNO RAMOS** | CHEFE TÉCNICO DE GESTÃO E MANUTENÇÃO **SIAMANTO ISMAILY** | TÉCNICO DE MANUTENÇÃO **JOÃO SANTANA** \ **LUÍS TEIXEIRA** \ **VÍTOR HORTA**

WWW.CCB.PT
WWW.ORCHESTRUTOPICA.EU



CONCERTO BIG BAND

88.º CONCERTO

DIRECÇÃO ARTÍSTICA DO PROJECTO **JOSÉ JÚLIO LOPES**
CO-PRODUÇÃO **ORCHESTRUTOPICA / CCB**
PRODUÇÃO EXECUTIVA > **OU – ÉLIO CORREIA**
CONTEÚDOS, TRADUÇÕES E ADAPTAÇÃO DE CONTEÚDOS **HELENA ROMÃO**
CRÉDITOS DA OU E/OU DOS AUTORES IDENTIFICADOS
BIG BAND ©© (INCLUINDO TEXTOS), 2010, ORCHESTRUTOPICA ACSFL

ORCHESTRUTOPICA

DIRECTOR **JOSÉ JÚLIO LOPES** | MAESTRO TITULAR **CESÁRIO COSTA** | PRODUÇÃO **ÉLIO CORREIA** | ASSISTENTE **HELENA ROMÃO** \ PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL **PAULA GOMES RIBEIRO** | PRESIDENTE DO CONSELHO FISCAL **ANDRÉ SÁ MACHADO**

MAESTROS CONVIDADOS **YU FENG** (CHI) \ **DAVID ALLEN MILLER** (EUA) \ **ODALINE DE LA MARTINEZ** (GB) \ **TAPIO TUOMELA** (FIN) \ **FABIÁN PANISELLO** (ARG.) \ **JEAN-SÉBASTIEN BÉREAU** (FR) \ **OLIVIER CUENDET** (SUI) \ **SANTIAGO SERRATE** (ESP) \ **JOAN CERVERÓ** (ESP) \ **RENÉ BOSCH** (FR)

SOLISTAS CONVIDADOS **ANA ESTER NEVES SOPRANO** (POR) \ **NICOLE TIBBELS SOPRANO** (GB) \ **FREDRIK BURSTEDT VIOLINO** (SE) \ **PEDRO MEIRELES VIOLA** (POR) \ **YEREE SUH SOPRANO** (COR) \ **MONIQUE KRÜS SOPRANO** (NL) \ **GUILLAUME GROSARD VIOLONCELO**

COMPOSITOR-RESIDENTE **JOÃO MADUREIRA** (2004) \ **NUNO CÔRTE-REAL** (2005).

A ORCHESTRUTOPICA É UMA ASSOCIAÇÃO CULTURAL SEM FINS LUCRATIVOS COPYRIGHT © 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008 & 2009 ORCHESTRUTOPICA TODOS OS DIREITOS RESERVADOS
O LOGÓTIPO E A DESIGNAÇÃO ORCHESTRUTOPICA SÃO PROPRIEDADE DA ORCHESTRUTOPICA ACSFL
A ORCHESTRUTOPICA É UMA ESTRUTURA APOIADA FINANCIERAMENTE PELA DIRECÇÃO-GERAL DAS ARTES – MINISTÉRIO DA CULTURA (2003, 2004; 2005/2008; 2009/2012)

CONTACTOS

LG. DO CARMO, 18, 1.º ESQ., 1200-092 LISBOA, PORTUGAL
T & F > + 351 213474148
E-MAIL > GERAL@ORCHESTRUTOPICA.EU
WWW.ORCHESTRUTOPICA.EU

dose *dupla*

CCB

DUOS ^{DE} JAZZ



11 Fevereiro

Júlio Resende

PIANO
PORTUGAL

Ole Morten Vagan

CONTRABAIXO
NORUEGA



18 Fevereiro

Fátima Serro

VOZ
PORTUGAL

Cláudio Ribeiro

GUITARRA
BRASIL



25 Fevereiro

Paulo Gaspar

CLARINETE
PORTUGAL

Edgar Wilson

PIANO
MOÇAMBIQUE

22H QUINTAS-FEIRAS RECEPÇÃO CENTRO DE REUNIÕES

+12 ANOS

ENTRADA LIVRE